



CONCURSO EXTERNO DE INGRESSO NA CARREIRA DIPLOMÁTICA – 2017

Prova Escrita de Português

Duração: 90 Minutos

VERSÃO A

SECÇÃO I

Leia o texto.

Texto 1

Este jovem conde de Fróis era homem de serralhos, de cavalos e de touros, e prezava mais tropelias, estúrdias e solturas que os cuidados do regimento onde fora colocado e que deixava alegremente entregue a sargentos plebeus, devassos e piteireiros. Ia-se governando o regimento em Abrantes, do que Deus dava, governava-se o conde na arruinada e não menos garbosa Lisboa, do que lhe dava o pai. E este do que lhe propinava el-rei, poupados lá longe os grossos cabedais.

Uma noite, envolveu-se o conde em rija guerreia, numa dessas quelhas de Lisboa, entre barracões de madeira e muros esboroados. A cena exhibia uma carruagem, um pequeno exército de criados de rua e forte partida de cavaleiros mascarados. Houve tiros, cutiladas, sábios botes de espadachim, corpos trespassados, cabeças fendidas e gilvazes sangrentos. Nada de muito cuidado, não fora a circunstância de dois dos feridos serem filhos do marquês de Pernes e de os quadrilheiros do rei terem decidido que a festa ficava incompleta sem eles.

O ministro do Reino mandou recado ao conde pai com pouca retórica e prazo escasso: serviço na Índia ou na Marinha? O velho Fróis, num susto, moveu empenhos de validos e cardeais, peitou corregedores e sargentos-mores, correu Seca, Meca e Olivais de Santarém, e lá conseguiu d'el-rei a comutação da pena: que o filho assessorasse o coronel da praça de S. Gens, perdida na raia de Trás-os-Montes, e que por aí ficasse até que Sua Majestade e Oeiras esquecessem a ribaldaria.

Mário de Carvalho, *A Paixão do Conde de Fróis*, Lisboa, Editorial Caminho, 1993, pp. 13-14 (texto com supressões)

Nos itens de 1. a 4., selecione a opção que completa cada frase de acordo com o texto.

1. O jovem conde de Fróis

- (A) envolveu-se numa contenda à saída de um baile de máscaras, em Lisboa.
- (B) destruiu uma carruagem numa viela de Lisboa, onde causou distúrbios.
- (C) furtava-se aos deveres militares, delegando-os em subordinados levianos.
- (D) vivia das fartas rendas que o rei lhe concedia em troca dos seus serviços.

2. O jovem conde de Fróis viu-se em apuros, porque

- (A) foi ferido pelos filhos do marquês de Pernes numa briga.
- (B) os seus criados causaram estragos avultados numa ruela.
- (C) votou ao abandono o regimento que lhe cabia comandar.
- (D) o ministro do Reino soube da rixa em que ele se envolveu.

3. O velho Fróis

- (A) recorreu ao suborno para livrar o filho de um pesado castigo.
- (B) empenhou os haveres da família para oferecer presentes a validos e a cardeais.
- (C) arruinou-se para sustentar a vida luxuosa do filho em Lisboa.
- (D) suplicou ao monarca que o filho rendesse o coronel da praça-forte de S. Gens.

4. O ministro do Reino era o conde de

- (A) Trás-os-Montes.
- (B) Abrantes.
- (C) Santarém.
- (D) Oeiras.

Leia o texto.

Texto 2

Lembramo-nos bem dos amargos de boca sentidos por Alexandre Herculano quando deixou a memória dos lusitanos lá para trás e contestou a historicidade de Ourique, até por se tratar de um mito reinventado nas vésperas da Restauração... Basta lermos o autor de *Eurico* para percebermos que o Portugal histórico foi produto de complexas metamorfoses, que o Estado precedeu a Nação e que foi a vontade do povo e a costa marítima que conformaram a independência política. E o português tornou-se língua de várias culturas e cultura de várias línguas (de Camões a Cesária Évora, de Rosália de Castro a Mia Couto).

Tudo se prende, em suma, à vontade de sermos nós mesmos enquanto quisermos. Eis por que razão o fundamental não será o debate nacional sobre uma qualquer essência, tema irresolúvel, mas sobre os desafios a que temos de responder — Portugal como problema, assente num saber todo de experiências feito... Os fatores democráticos são o que importa aprofundar. É uma Europa aberta e diversa, não fechada nos seus egoísmos, que está em causa. É uma geometria variável de compromissos e cooperações que importa prosseguir. Essencialmente do que se trata é de assumir Portugal como é, que é o modo de considerar uma vocação própria, enquanto encruzilhada de influências (o cadinho ou *melting pot* da Finisterra, o «continente em miniatura» de que falou Orlando Ribeiro, projetado nas Sete Partidas). O debate urgente não é sobre «uma essência», mas sobre a audácia de ligar liberdade, igualdade, coesão, justiça, confiança, rigor, transparência, aprendizagem e solidariedade. É uma democracia de resultados, da legitimidade do exercício, da responsabilidade e da prestação de contas que devemos aprofundar. Urge, pois, perante as transformações da sociedade global, que possamos assumir a exigência de transformar a informação em conhecimento e de transformar o conhecimento em inovação.

Se pagamos os nossos impostos, temos de cuidar da qualidade acrescentada dos serviços públicos; se ansiamos por mais justiça distributiva, temos de combater o desperdício; se precisamos de qualidade de vida, temos de garantir a sobriedade e de preservar a Segurança Social, o Serviço Nacional de Saúde e os seus resultados, bem como assegurar melhor Educação e formação para todos, Ciência e Cultura! Se há essência de que deveremos cuidar não é a dos castelos no ar, mas a dos resultados e a do sentido crítico, em nome dos fatores democráticos — «olhando para diante».

Guilherme d'Oliveira Martins, *Público*, 04/04/2016 (texto adaptado)

Nos itens de **5.** a **8.**, selecione a opção que completa cada frase de acordo com o texto.

5. Segundo o autor, lendo os textos de Alexandre Herculano acerca da história de Portugal, conclui-se que

- (A) as outras culturas se mantiveram imunes à influência da língua portuguesa.
- (B) a situação geográfica contribuiu para o processo de autonomização política.
- (C) a veracidade histórica do episódio da batalha de Ourique é inquestionável.
- (D) os mitos condicionaram a essência da nossa cultura depois da Restauração.

6. No entender do autor, Portugal responderá melhor aos desafios que enfrenta se

- (A) reconhecer a sua importância enquanto espaço de confluência de culturas.
- (B) renunciar à sua vocação de descobridor das Sete Partidas.
- (C) abdicar da sua condição de «continente em miniatura».
- (D) aprofundar a sua autonomia face às pressões e aos compromissos europeus.

7. O autor sugere que, em Portugal, o debate deve centrar-se

- (A) na relação entre a liberdade e o direito à segurança.
- (B) na transformação do conhecimento em informação.

(C) na criação de uma cultura de responsabilidade cívica.

(D) na reflexão sobre as ameaças da sociedade global.

8. Para o autor, pôr a tónica nos resultados e no sentido crítico, «olhando para diante», implica, entre outros aspetos,

(A) aliviar a carga tributária excessiva sobre as famílias.

(B) racionalizar a utilização dos recursos disponíveis.

(C) reabrir o debate sobre as origens da nossa identidade.

(D) fazer da Educação o desígnio nacional prioritário.

Leia o texto.

Texto 3

Limites e enigmas da política cultural

Não deveríamos criticar a falta de investimento do Estado na política de cultura sem antes fazer um exercício de recuo. Qual a natureza e os limites da ação cultural como política pública? Num texto de 1888, Nietzsche pedia aos seus leitores para compararem a situação alemã desse ano com a de um século atrás. Em 1788, a Alemanha, politicamente fragmentada, era uma sombra do poderoso II Império de Bismarck. Contudo, em 1788, a Alemanha era um gigante cultural face à modéstia germânica de 1888, ofuscada por uma Paris derrotada pouco antes pela Prússia, mas de novo alcandorada a capital da criatividade cultural europeia. Nietzsche definia, com o seu habitual excesso, um radical antagonismo entre Estado e Cultura: «o que se dá a um lado falta no outro». Em 1871, não tinha já o nosso Antero de Quental encontrado no imenso e esgotante esforço nacional das descobertas e conquistas uma das causas do nosso atraso cultural? Se olharmos para o Império Britânico, por exemplo, não é curioso que a hegemonia da língua inglesa tenha servido para dois povos não imperiais, os escoceses e irlandeses, terem produzido um pensamento e uma literatura de craveira universal?

Alguém conhece o segredo de uma grande cultura? Quem poderá explicar o milagre do Renascimento, que ainda hoje resplandece no tecido das cidades desse país-museu que é a pátria de Dante? Quem poderá explicar a explosão de génios musicais e filosóficos na Europa de língua alemã do século XVIII? Em ambos os casos, e mais uma vez, não existia Estado, mas sim uma nebulosa de entidades políticas e religiosas, devoradas pelo acicate da inveja, funcionando num regime de mecenato competitivo. E como explicar a explosão criativa da República de Weimar, derrotada e endividada, mas uma autêntica supernova comparada com o brilho pálido da excedentária Alemanha atual?

Que lições para Portugal em 2017? A melhor política cultural será sempre indireta. É a que cria as condições de possibilidade para que surjam os atores e os públicos, que são a alma e o corpo da cultura. Boas escolas e bibliotecas. Um *hardware* monumental preservado. Museus cuidados e atrativos. Mercados para os produtos culturais em língua portuguesa (para o livro, o cinema, o teatro...). Uma política fiscal que, em vez de perseguir e humilhar os autores, promova o mecenato para os criadores e não para o próprio Estado. Tudo isso ajudará a criar uma cultura com espírito, mas também com ossatura económica. Um Estado que queira interferir diretamente na cultura acabará sempre a fazer má propaganda.

Viriato Soromenho-Marques, *Diário de Notícias*, 29/12/2016

Nos itens de **9.** a **12.**, selecione a opção que completa cada frase de acordo com o texto.

9. Segundo o autor, Nietzsche pôs em confronto

- (A) a primazia cultural do império de Bismarck e a pobreza criativa da França de Oitocentos.
- (B) o papel secundário da cultura alemã de Setecentos e a força da cultura francesa dessa época.
- (C) o poderio imperial alemão do final de Oitocentos e a fragilidade política da França de Setecentos.
- (D) a pujança criativa da França de Oitocentos e a subalternidade da cultura germânica dessa época.

10. Para ilustrar a complexidade das interações entre Estado e Cultura, o autor refere

- (A) a circunstância de a competição entre diferentes estados ter ditado o fim do milagre do Renascimento.
- (B) o contraste entre o investimento canalizado para a expansão e o atraso cultural português.
- (C) a particularidade de os filósofos de língua alemã do século XVIII dependerem do mecenato estatal.
- (D) o paradoxo da hegemonia escocesa e irlandesa no seio da cultura imperial britânica.

11. De acordo com o autor, o exemplo da República de Weimar demonstra que

- (A) a penúria económica pode coexistir com a vitalidade cultural.
- (B) o florescimento artístico depende do endividamento do Estado.
- (C) a derrota militar faz enfraquecer as forças criativas de um país.
- (D) os excedentes aplicados na cultura geram riqueza económica.

12. No entender do autor, a melhor política cultural será aquela que

- (A) aposta na atribuição de subsídios estatais aos criadores.
- (B) favorece o mecenato intermediado por entidades estatais.
- (C) privilegia os produtos culturais economicamente rentáveis.
- (D) valoriza o carácter formativo dos equipamentos culturais.

SECÇÃO II

Nos itens de 13. a 21., escolha a opção que completa a frase **sem** incorreções linguísticas.

13. Aproveitando o bom tempo que se fez sentir,

- (A) os alpinistas fizeram a ascensão da montanha à uma semana.
- (B) os alpinistas fizeram a ascensão da montanha há uma semana.
- (C) os alpinistas fizeram a ascensão da montanha à uma semana.
- (D) os alpinistas fizeram a ascensão da montanha há uma semana.

14. Nesta partida, como cada uma das equipas em confronto

- (A) tiveram, na primeira parte, uma postura muito defensiva, não haviam grandes razões para o público se interessar pelo jogo.
- (B) teve, na primeira parte, uma postura muito defensiva, não havia grandes razões para o público se interessar pelo jogo.
- (C) teve, na primeira parte, uma postura muito defensiva, não haviam grandes razões para o público se interessar pelo jogo.
- (D) tiveram, na primeira parte, uma postura muito defensiva, não havia grandes razões para o público se interessar pelo jogo.

15. Quando o novo ministro tomar posse,

- (A) vão ocorrer muitas mudanças na política sectorial, e a capacidade de o governo as negociar com os sindicatos será decisiva.
- (B) vai ocorrer muitas mudanças na política sectorial, e a capacidade de o governo as negociar com os sindicatos será decisiva.
- (C) vai ocorrer muitas mudanças na política sectorial, e a capacidade do governo as negociar com os sindicatos será decisiva.

(D) vão ocorrer muitas mudanças na política sectorial, e a capacidade do governo as negociar com os sindicatos será decisiva.

16. Seguindo estas instruções,

(A) chegasse facilmente ao restaurante; aliás, como os senhores vêm de Lisboa, assim que atravessarem a ponte veem logo o letreiro.

(B) chega-se facilmente ao restaurante; aliás, como os senhores veem de Lisboa, assim que atravessarem a ponte vêm logo o letreiro.

(C) chega-se facilmente ao restaurante; aliás, como os senhores vêm de Lisboa, assim que atravessarem a ponte veem logo o letreiro.

(D) chegasse facilmente ao restaurante; aliás, como os senhores veem de Lisboa, assim que atravessarem a ponte vêm logo o letreiro.

17. Era preciso tomar precauções, porque

(A) um perigo iminente ameaçava aquela figura eminente: sobre a sua cabeça pendia a ameaça do escândalo.

(B) um perigo iminente ameaçava aquela figura eminente: sob a sua cabeça pendia a ameaça do escândalo.

(C) um perigo eminente ameaçava aquela figura iminente: sobre a sua cabeça pendia a ameaça do escândalo.

(D) um perigo eminente ameaçava aquela figura iminente: sob a sua cabeça pendia a ameaça do escândalo.

18. Estava doente e muito cansado, mas,

(A) mau grado o mal-estar que sentia, decidi ir ao congresso, cujo o início estava marcado para as nove horas.

(B) mau grado o mau-estar que sentia, decidi ir ao congresso, cujo início estava marcado para as nove horas.

(C) mau grado o mal-estar que sentia, decidi ir ao congresso, cujo início estava marcado para as nove horas.

(D) mau grado o mau-estar que sentia, decidi ir ao congresso, cujo o início estava marcado para as nove horas.

19. Na reunião de ontem, o secretário de Estado

(A) entreviu para esclarecer dúvidas sobre o novo projeto, tal como já intervira na reunião anterior.

(B) interveio para esclarecer dúvidas sobre o novo projeto, tal como já intervira na reunião anterior.

(C) entreviu para esclarecer dúvidas sobre o novo projeto, tal como já interviera na reunião anterior.

(D) interveio para esclarecer dúvidas sobre o novo projeto, tal como já interviera na reunião anterior.

20. Para evitar maiores prejuízos,

(A) e apesar de a equipa trabalhar afincadamente, foi necessário um esforço suplementar para que o trabalho tivesse pronto dentro do prazo estipulado.

- (B) e apesar de a equipa trabalhar afincadamente, foi necessário um esforço suplementar para que o trabalho estivesse pronto dentro do prazo estipulado.
- (C) e apesar da equipa trabalhar afincadamente, foi necessário um esforço suplementar para que o trabalho estivesse pronto dentro do prazo estipulado.
- (D) e apesar da equipa trabalhar afincadamente, foi necessário um esforço suplementar para que o trabalho tivesse pronto dentro do prazo estipulado.

21. O telefone deixou de funcionar,

- (A) o concerto do computador é muito caro e eu estou doente: quantos reveses da sorte!
- (B) o concerto do computador é muito caro e eu estou doente: quantos reveses da sorte!
- (C) o conserto do computador é muito caro e eu estou doente: quantos reveses da sorte!
- (D) o conserto do computador é muito caro e eu estou doente: quantos reveses da sorte!

Nos itens de **22.** a **25.**, apresenta-se uma frase em que foram propositadamente omitidas as vírgulas. Em cada um dos itens, escolha a opção em que as vírgulas foram introduzidas na frase **sem** incorreções linguísticas.

22. Cheguei ao gabinete exausto e perguntei ao secretário que estava sentado a ler o jornal a que horas era a reunião.

- (A) Cheguei ao gabinete exausto, e perguntei, ao secretário que estava sentado a ler o jornal a que horas era a reunião.
- (B) Cheguei ao gabinete exausto e perguntei ao secretário, que estava sentado a ler o jornal, a que horas era a reunião.
- (C) Cheguei ao gabinete, exausto e perguntei ao secretário que estava sentado a ler o jornal, a que horas era a reunião.
- (D) Cheguei ao gabinete, exausto, e perguntei, ao secretário que estava sentado a ler o jornal a que horas era a reunião.

23. Um homem alto estava a tocar piano enquanto à sua volta inebriados pela doçura da noite os pares dançavam.

- (A) Um homem alto, estava a tocar piano, enquanto à sua volta, inebriados pela doçura da noite os pares dançavam.
- (B) Um homem alto, estava a tocar piano enquanto, à sua volta, inebriados pela doçura da noite, os pares dançavam.
- (C) Um homem, alto, estava a tocar piano enquanto à sua volta inebriados, pela doçura da noite os pares dançavam.
- (D) Um homem alto estava a tocar piano, enquanto à sua volta, inebriados pela doçura da noite, os pares dançavam.
24. O Manuel era o único aluno da turma que já sabia ler embora os outros que eram todos mais novos estivessem a aprender depressa.
- (A) O Manuel era o único aluno da turma que já sabia ler embora, os outros que eram todos mais novos, estivessem a aprender depressa.
- (B) O Manuel era o único aluno da turma que já sabia ler, embora, os outros que eram todos mais novos, estivessem a aprender depressa.
- (C) O Manuel era o único aluno da turma que já sabia ler, embora os outros, que eram todos mais novos, estivessem a aprender depressa.
- (D) O Manuel era o único aluno da turma que já sabia ler, embora os outros, que eram todos mais novos estivessem a aprender depressa.
25. Compilar toda a documentação até produzir o texto final constituiu uma tarefa árdua e ninguém nem mesmo o secretário se dignou ajudar-me.
- (A) Compilar toda a documentação até produzir o texto final constituiu uma tarefa árdua, e ninguém, nem mesmo o secretário, se dignou ajudar-me.
- (B) Compilar toda a documentação até produzir o texto final, constituiu uma tarefa árdua e ninguém, nem mesmo o secretário, se dignou ajudar-me.
- (C) Compilar toda a documentação, até produzir o texto final constituiu uma tarefa árdua, e ninguém nem mesmo o secretário, se dignou ajudar-me.
- (D) Compilar toda a documentação até produzir o texto final, constituiu uma tarefa árdua, e ninguém, nem mesmo o secretário se dignou ajudar-me.

SECÇÃO III

Redija o **resumo** do texto que se segue. O seu resumo deverá ter entre 120 e 170 palavras.

Em meados do século XX e até ao fim dos anos 60, Portugal exibia vários títulos que o distinguiam da maior parte dos países europeus ocidentais. O mais antigo e durável império colonial ultramarino, o único, aliás, ainda existente. A mais longa ditadura pessoal moderna. O país onde eram mais elevadas as taxas de analfabetismo e de mortalidade infantil. A mais jovem população, com a mais elevada natalidade e a mais baixa esperança de vida à nascença. O menor número de médicos e de enfermeiros por habitante. O mais baixo rendimento por habitante. A menor produtividade por trabalhador. A maior população agrícola e a menor taxa de industrialização. O menor número de alunos no ensino básico e de estudantes no ensino superior. O menor número de pessoas abrangidas pelos sistemas de segurança social. A todos estes títulos, ainda se acrescentaria um último, em meados dos anos 70, o do país que conheceu, tal como foi reconhecida pelos seus protagonistas e consagrada na Constituição, a última «revolução socialista» na Europa. Que foi rapidamente derrotada e acabou por ser simplesmente uma revolução democrática.

É possível que, em qualquer *ranking* hoje elaborado, Portugal ainda ocupe o último lugar, num ou noutro indicador que sintetize o grau de desenvolvimento. Mas já não é assim em todos os casos. E, sobretudo, os indicadores sociais estão hoje muito mais próximos das metas europeias. A sociedade portuguesa conheceu um processo de mudança de extraordinária rapidez, a que não faltaram acontecimentos políticos de primeira importância, como a rutura com o tradicional ultramar, uma revolução política e a fundação de um regime democrático. Para além de outros fatores que terão responsabilidades nesta mudança, a abertura ao exterior (comércio livre, emigração, turismo e integração europeia) está na origem das mais importantes transformações, incluindo o crescimento económico dos anos 60.

A rapidez da mudança, associada à posição periférica de Portugal e à pobreza geral de recursos, está entre as primeiras causas dos desequilíbrios entretanto criados. Ao fim de quarenta anos de evolução acelerada e de aproximação constante aos níveis de desenvolvimento europeus, o país encontra-se, no início do século XXI, a braços com uma sempre muito baixa produtividade, a falta de capital e de organização empresarial e a escassez de recursos financeiros públicos. Ora, as expectativas e as aspirações dos portugueses são hoje, numa sociedade aberta e plural, as de qualquer cidadão dos mais desenvolvidos e ricos países europeus. A distância entre as aspirações e as capacidades de as satisfazer é seguramente um traço comum a todas as sociedades. Mas, em Portugal, essa clivagem é mais marcada do que em qualquer outro país europeu ocidental.

António Barreto, «Mudança Social em Portugal»,
in António Costa Pinto (coord.), *Portugal Contemporâneo*, Lisboa, Dom Quixote, 2004, pp. 161-162

FIM



CONCURSO EXTERNO DE INGRESSO NA CARREIRA DIPLOMÁTICA – 2017

Prova Escrita de Português

Duração: 90 Minutos

VERSÃO B

SECÇÃO I

Leia o texto.

Texto 1

Este jovem conde de Fróis era homem de serranhos, de cavalos e de touros, e prezava mais tropelias, estúrdias e solturas que os cuidados do regimento onde fora colocado e que deixava alegremente entregue a sargentos plebeus, devassos e piteiros. Ia-se governando o regimento em Abrantes, do que Deus dava, governava-se o conde na arruinada e não menos garbosa Lisboa, do que lhe dava o pai. E este do que lhe propinava el-rei, poupados lá longe os grossos cabedais.

Uma noite, envolveu-se o conde em rija guerra, numa dessas quelhas de Lisboa, entre barracões de madeira e muros esboroados. A cena exhibia uma carruagem, um pequeno exército de criados de rua e forte partida de cavaleiros mascarados. Houve tiros, cutiladas, sábios botes de espadachim, corpos trespassados, cabeças fendidas e gilvazes sangrentos. Nada de muito cuidado, não fora a circunstância de dois dos feridos serem filhos do marquês de Pernes e de os quadrilheiros do rei terem decidido que a festa ficava incompleta sem eles.

O ministro do Reino mandou recado ao conde pai com pouca retórica e prazo escasso: serviço na Índia ou na Marinha? O velho Fróis, num susto, moveu empenhos de validos e cardeais, peitou corregedores e sargentos-mores, correu Seca, Meca e Olivais de Santarém, e lá conseguiu d'el-rei a comutação da pena: que o filho assessorasse o coronel da praça de S. Gens, perdida na raia de Trás-os-Montes, e que por aí ficasse até que Sua Majestade e Oeiras esquecessem a ribaldaria.

Mário de Carvalho, *A Paixão do Conde de Fróis*, Lisboa, Editorial Caminho, 1993, pp. 13-14 (texto com supressões)

Nos itens de 1. a 4., selecione a opção que completa cada frase de acordo com o texto.

1. O jovem conde de Fróis

- (A) vivia das fartas rendas que o rei lhe concedia em troca dos seus serviços.
- (B) furtava-se aos deveres militares, delegando-os em subordinados levianos.
- (C) destruiu uma carruagem numa viela de Lisboa, onde causou distúrbios.
- (D) envolveu-se numa contenda à saída de um baile de máscaras, em Lisboa.

2. O jovem conde de Fróis viu-se em apuros, porque

- (A) votou ao abandono o regimento que lhe cabia comandar.
- (B) foi ferido pelos filhos do marquês de Pernes numa briga.
- (C) o ministro do Reino soube da rixa em que ele se envolveu.
- (D) os seus criados causaram estragos avultados numa ruela.

3. O velho Fróis

- (A) empenhou os haveres da família para oferecer presentes a validos e a cardeais.
- (B) recorreu ao suborno para livrar o filho de um pesado castigo.
- (C) suplicou ao monarca que o filho rendesse o coronel da praça-forte de S. Gens.
- (D) arruinou-se para sustentar a vida luxuosa do filho em Lisboa.

4. O ministro do Reino era o conde de

- (A) Oeiras.
- (B) Abrantes.
- (C) Santarém.
- (D) Trás-os-Montes.

Leia o texto.

Texto 2

Lembramo-nos bem dos amargos de boca sentidos por Alexandre Herculano quando deixou a memória dos lusitanos lá para trás e contestou a historicidade de Ourique, até por se tratar de um mito reinventado nas vésperas da Restauração... Basta lermos o autor de *Eurico* para percebermos que o Portugal histórico foi produto de complexas metamorfoses, que o Estado precedeu a Nação e que foi a vontade do povo e a costa marítima que conformaram a independência política. E o português tornou-se língua de várias culturas e cultura de várias línguas (de Camões a Cesária Évora, de Rosália de Castro a Mia Couto).

Tudo se prende, em suma, à vontade de sermos nós mesmos enquanto quisermos. Eis por que razão o fundamental não será o debate nacional sobre uma qualquer essência, tema irresolúvel, mas sobre os desafios a que temos de responder — Portugal como problema, assente num saber todo de experiências feito... Os fatores democráticos são o que importa aprofundar. É uma Europa aberta e diversa, não fechada nos seus egoísmos, que está em causa. É uma geometria variável de compromissos e cooperações que importa prosseguir. Essencialmente do que se trata é de assumir Portugal como é, que é o modo de considerar uma vocação própria, enquanto encruzilhada de influências (o cadinho ou *melting pot* da Finisterra, o «continente em miniatura» de que falou Orlando Ribeiro, projetado nas Sete Partidas). O debate urgente não é sobre «uma essência», mas sobre a audácia de ligar liberdade, igualdade, coesão, justiça, confiança, rigor, transparência, aprendizagem e solidariedade. É uma democracia de resultados, da legitimidade do exercício, da responsabilidade e da prestação de contas que devemos aprofundar. Urge, pois, perante as transformações da sociedade global, que possamos assumir a exigência de transformar a informação em conhecimento e de transformar o conhecimento em inovação.

Se pagamos os nossos impostos, temos de cuidar da qualidade acrescentada dos serviços públicos; se ansiamos por mais justiça distributiva, temos de combater o desperdício; se precisamos de qualidade de vida, temos de garantir a sobriedade e de preservar a Segurança Social, o Serviço Nacional de Saúde e os seus resultados, bem como assegurar melhor Educação e formação para todos, Ciência e Cultura! Se há essência de que deveremos cuidar não é a dos castelos no ar, mas a dos resultados e a do sentido crítico, em nome dos fatores democráticos — «olhando para diante».

Guilherme d'Oliveira Martins, *Público*, 04/04/2016 (texto adaptado)

Nos itens de **5.** a **8.**, selecione a opção que completa cada frase de acordo com o texto.

5. Segundo o autor, lendo os textos de Alexandre Herculano acerca da história de Portugal, conclui-se que

- (A) os mitos condicionaram a essência da nossa cultura depois da Restauração.
- (B) as outras culturas se mantiveram imunes à influência da língua portuguesa.
- (C) a situação geográfica contribuiu para o processo de autonomização política.
- (D) a veracidade histórica do episódio da batalha de Ourique é inquestionável.

6. No entender do autor, Portugal responderá melhor aos desafios que enfrenta se

- (A) aprofundar a sua autonomia face às pressões e aos compromissos europeus.
- (B) abdicar da sua condição de «continente em miniatura».
- (C) renunciar à sua vocação de descobridor das Sete Partidas.
- (D) reconhecer a sua importância enquanto espaço de confluência de culturas.

7. O autor sugere que, em Portugal, o debate deve centrar-se

- (A) na reflexão sobre as ameaças da sociedade global.
- (B) na transformação do conhecimento em informação.

- (C) na relação entre a liberdade e o direito à segurança.
- (D) na criação de uma cultura de responsabilidade cívica.

8. Para o autor, pôr a tónica nos resultados e no sentido crítico, «olhando para diante», implica, entre outros aspetos,

- (A) fazer da Educação o desígnio nacional prioritário.
- (B) racionalizar a utilização dos recursos disponíveis.
- (C) aliviar a carga tributária excessiva sobre as famílias.
- (D) reabrir o debate sobre as origens da nossa identidade.

Leia o texto.

Texto 3

Limites e enigmas da política cultural

Não deveríamos criticar a falta de investimento do Estado na política de cultura sem antes fazer um exercício de recuo. Qual a natureza e os limites da ação cultural como política pública? Num texto de 1888, Nietzsche pedia aos seus leitores para compararem a situação alemã desse ano com a de um século atrás. Em 1788, a Alemanha, politicamente fragmentada, era uma sombra do poderoso II Império de Bismarck. Contudo, em 1788, a Alemanha era um gigante cultural face à modéstia germânica de 1888, ofuscada por uma Paris derrotada pouco antes pela Prússia, mas de novo alcandorada a capital da criatividade cultural europeia. Nietzsche definia, com o seu habitual excesso, um radical antagonismo entre Estado e Cultura: «o que se dá a um lado falta no outro». Em 1871, não tinha já o nosso Antero de Quental encontrado no imenso e esgotante esforço nacional das descobertas e conquistas uma das causas do nosso atraso cultural? Se olharmos para o Império Britânico, por exemplo, não é curioso que a hegemonia da língua inglesa tenha servido para dois povos não imperiais, os escoceses e irlandeses, terem produzido um pensamento e uma literatura de craveira universal?

Alguém conhece o segredo de uma grande cultura? Quem poderá explicar o milagre do Renascimento, que ainda hoje resplandece no tecido das cidades desse país-museu que é a pátria de Dante? Quem poderá explicar a explosão de génios musicais e filosóficos na Europa de língua alemã do século XVIII? Em ambos os casos, e mais uma vez, não existia Estado, mas sim uma nebulosa de entidades políticas e religiosas, devoradas pelo acicate da inveja, funcionando num regime de mecenato competitivo. E como explicar a explosão criativa da República de Weimar, derrotada e endividada, mas uma autêntica supernova comparada com o brilho pálido da excedentária Alemanha atual?

Que lições para Portugal em 2017? A melhor política cultural será sempre indireta. É a que cria as condições de possibilidade para que surjam os atores e os públicos, que são a alma e o corpo da cultura. Boas escolas e bibliotecas. Um *hardware* monumental preservado. Museus cuidados e atrativos. Mercados para os produtos culturais em língua portuguesa (para o livro, o cinema, o teatro...). Uma política fiscal que, em vez de perseguir e humilhar os autores, promova o mecenato para os criadores e não para o próprio Estado. Tudo isso ajudará a criar uma cultura com espírito, mas também com ossatura económica. Um Estado que queira interferir diretamente na cultura acabará sempre a fazer má propaganda.

Viriato Soromenho-Marques, *Diário de Notícias*, 29/12/2016

Nos itens de **9.** a **12.**, selecione a opção que completa cada frase de acordo com o texto.

9. Segundo o autor, Nietzsche pôs em confronto

- (A) a pujança criativa da França de Oitocentos e a subalternidade da cultura germânica dessa época.
- (B) o poderio imperial alemão do final de Oitocentos e a fragilidade política da França de Setecentos.
- (C) o papel secundário da cultura alemã de Setecentos e a força da cultura francesa dessa época.
- (D) a primazia cultural do império de Bismarck e a pobreza criativa da França de Oitocentos.

10. Para ilustrar a complexidade das interações entre Estado e Cultura, o autor refere

- (A) o paradoxo da hegemonia escocesa e irlandesa no seio da cultura imperial britânica.
- (B) a circunstância de a competição entre diferentes estados ter ditado o fim do milagre do Renascimento.
- (C) o contraste entre o investimento canalizado para a expansão e o atraso cultural português.
- (D) a particularidade de os filósofos de língua alemã do século XVIII dependerem do mecenato estatal.

11. De acordo com o autor, o exemplo da República de Weimar demonstra que

- (A) o florescimento artístico depende do endividamento do Estado.
- (B) a derrota militar faz enfraquecer as forças criativas de um país.
- (C) os excedentes aplicados na cultura geram riqueza económica.
- (D) a penúria económica pode coexistir com a vitalidade cultural.

12. No entender do autor, a melhor política cultural será aquela que

- (A) valoriza o carácter formativo dos equipamentos culturais.
- (B) privilegia os produtos culturais economicamente rentáveis.
- (C) favorece o mecenato intermediado por entidades estatais.
- (D) aposta na atribuição de subsídios estatais aos criadores.

SECÇÃO II

Nos itens de 13. a 21., escolha a opção que completa a frase **sem** incorreções linguísticas.

13. Aproveitando o bom tempo que se fez sentir,

- (A) os alpinistas fizeram a ascensão da montanha à uma semana.
- (B) os alpinistas fizeram a ascensão da montanha há uma semana.
- (C) os alpinistas fizeram a ascensão da montanha à uma semana.
- (D) os alpinistas fizeram a ascensão da montanha há uma semana.

14. Nesta partida, como cada uma das equipas em confronto

- (A) teve, na primeira parte, uma postura muito defensiva, não haviam grandes razões para o público se interessar pelo jogo.
- (B) tiveram, na primeira parte, uma postura muito defensiva, não havia grandes razões para o público se interessar pelo jogo.
- (C) teve, na primeira parte, uma postura muito defensiva, não havia grandes razões para o público se interessar pelo jogo.
- (D) tiveram, na primeira parte, uma postura muito defensiva, não haviam grandes razões para o público se interessar pelo jogo.

15. Quando o novo ministro tomar posse,

- (A) vão ocorrer muitas mudanças na política sectorial, e a capacidade do governo as negociar com os sindicatos será decisiva.
- (B) vai ocorrer muitas mudanças na política sectorial, e a capacidade do governo as negociar com os sindicatos será decisiva.
- (C) vai ocorrer muitas mudanças na política sectorial, e a capacidade de o governo as negociar com os sindicatos será decisiva.

(D) vão ocorrer muitas mudanças na política sectorial, e a capacidade de o governo as negociar com os sindicatos será decisiva.

16. Seguindo estas instruções,

(A) chega-se facilmente ao restaurante; aliás, como os senhores vêm de Lisboa, assim que atravessarem a ponte veem logo o letreiro.

(B) chegasse facilmente ao restaurante; aliás, como os senhores veem de Lisboa, assim que atravessarem a ponte vêm logo o letreiro.

(C) chegasse facilmente ao restaurante; aliás, como os senhores vêm de Lisboa, assim que atravessarem a ponte veem logo o letreiro.

(D) chega-se facilmente ao restaurante; aliás, como os senhores veem de Lisboa, assim que atravessarem a ponte vêm logo o letreiro.

17. Era preciso tomar precauções, porque

(A) um perigo eminente ameaçava aquela figura iminente: sobre a sua cabeça pendia a ameaça do escândalo.

(B) um perigo iminente ameaçava aquela figura eminente: sobre a sua cabeça pendia a ameaça do escândalo.

(C) um perigo eminente ameaçava aquela figura iminente: sob a sua cabeça pendia a ameaça do escândalo.

(D) um perigo iminente ameaçava aquela figura eminente: sob a sua cabeça pendia a ameaça do escândalo.

18. Estava doente e muito cansado, mas,

(A) mau grado o mal-estar que sentia, decidi ir ao congresso, cujo o início estava marcado para as nove horas.

(B) mau grado o mau-estar que sentia, decidi ir ao congresso, cujo início estava marcado para as nove horas.

(C) mau grado o mau-estar que sentia, decidi ir ao congresso, cujo o início estava marcado para as nove horas.

(D) mau grado o mal-estar que sentia, decidi ir ao congresso, cujo início estava marcado para as nove horas.

19. Na reunião de ontem, o secretário de Estado

(A) entrevistou para esclarecer dúvidas sobre o novo projeto, tal como já entrevistara na reunião anterior.

(B) interveio para esclarecer dúvidas sobre o novo projeto, tal como já entrevistara na reunião anterior.

(C) interveio para esclarecer dúvidas sobre o novo projeto, tal como já entrevistara na reunião anterior.

(D) entrevistou para esclarecer dúvidas sobre o novo projeto, tal como já entrevistara na reunião anterior.

20. Para evitar maiores prejuízos,

(A) e apesar de a equipa trabalhar afincadamente, foi necessário um esforço suplementar para que o trabalho estivesse pronto dentro do prazo estipulado.

- (B) e apesar da equipa trabalhar afincadamente, foi necessário um esforço suplementar para que o trabalho estivesse pronto dentro do prazo estipulado.
- (C) e apesar de a equipa trabalhar afincadamente, foi necessário um esforço suplementar para que o trabalho tivesse pronto dentro do prazo estipulado.
- (D) e apesar da equipa trabalhar afincadamente, foi necessário um esforço suplementar para que o trabalho tivesse pronto dentro do prazo estipulado.

21. O telefone deixou de funcionar,

- (A) o concerto do computador é muito caro e eu estou doente: quantos reveses da sorte!
- (B) o conserto do computador é muito caro e eu estou doente: quantos reveses da sorte!
- (C) o conserto do computador é muito caro e eu estou doente: quantos reveses da sorte!
- (D) o concerto do computador é muito caro e eu estou doente: quantos reveses da sorte!

Nos itens de **22.** a **25.**, apresenta-se uma frase em que foram propositadamente omitidas as vírgulas. Em cada um dos itens, escolha a opção em que as vírgulas foram introduzidas na frase **sem** incorreções linguísticas.

22. Cheguei ao gabinete exausto e perguntei ao secretário que estava sentado a ler o jornal a que horas era a reunião.

- (A) Cheguei ao gabinete, exausto e perguntei ao secretário que estava sentado a ler o jornal, a que horas era a reunião.
- (B) Cheguei ao gabinete exausto, e perguntei, ao secretário que estava sentado a ler o jornal a que horas era a reunião.
- (C) Cheguei ao gabinete exausto e perguntei ao secretário, que estava sentado a ler o jornal, a que horas era a reunião.
- (D) Cheguei ao gabinete, exausto, e perguntei, ao secretário que estava sentado a ler o jornal a que horas era a reunião.

23. Um homem alto estava a tocar piano enquanto à sua volta inebriados pela doçura da noite os pares dançavam.

- (A) Um homem alto estava a tocar piano, enquanto à sua volta, inebriados pela doçura da noite, os pares dançavam.
- (B) Um homem alto, estava a tocar piano enquanto, à sua volta, inebriados pela doçura da noite, os pares dançavam.
- (C) Um homem alto, estava a tocar piano, enquanto à sua volta, inebriados pela doçura da noite os pares dançavam.
- (D) Um homem, alto, estava a tocar piano enquanto à sua volta inebriados, pela doçura da noite os pares dançavam.
24. O Manuel era o único aluno da turma que já sabia ler embora os outros que eram todos mais novos estivessem a aprender depressa.
- (A) O Manuel era o único aluno da turma que já sabia ler, embora, os outros que eram todos mais novos, estivessem a aprender depressa.
- (B) O Manuel era o único aluno da turma que já sabia ler embora, os outros que eram todos mais novos, estivessem a aprender depressa.
- (C) O Manuel era o único aluno da turma que já sabia ler, embora os outros, que eram todos mais novos estivessem a aprender depressa.
- (D) O Manuel era o único aluno da turma que já sabia ler, embora os outros, que eram todos mais novos, estivessem a aprender depressa.
25. Compilar toda a documentação até produzir o texto final constituiu uma tarefa árdua e ninguém nem mesmo o secretário se dignou ajudar-me.
- (A) Compilar toda a documentação até produzir o texto final constituiu uma tarefa árdua, e ninguém, nem mesmo o secretário, se dignou ajudar-me.
- (B) Compilar toda a documentação, até produzir o texto final constituiu uma tarefa árdua, e ninguém nem mesmo o secretário, se dignou ajudar-me.
- (C) Compilar toda a documentação até produzir o texto final, constituiu uma tarefa árdua e ninguém, nem mesmo o secretário, se dignou ajudar-me.
- (D) Compilar toda a documentação até produzir o texto final, constituiu uma tarefa árdua, e ninguém, nem mesmo o secretário se dignou ajudar-me.

SECÇÃO III

Redija o **resumo** do texto que se segue. O seu resumo deverá ter entre 120 e 170 palavras.

Em meados do século XX e até ao fim dos anos 60, Portugal exibia vários títulos que o distinguiam da maior parte dos países europeus ocidentais. O mais antigo e durável império colonial ultramarino, o único, aliás, ainda existente. A mais longa ditadura pessoal moderna. O país onde eram mais elevadas as taxas de analfabetismo e de mortalidade infantil. A mais jovem população, com a mais elevada natalidade e a mais baixa esperança de vida à nascença. O menor número de médicos e de enfermeiros por habitante. O mais baixo rendimento por habitante. A menor produtividade por trabalhador. A maior população agrícola e a menor taxa de industrialização. O menor número de alunos no ensino básico e de estudantes no ensino superior. O menor número de pessoas abrangidas pelos sistemas de segurança social. A todos estes títulos, ainda se acrescentaria um último, em meados dos anos 70, o do país que conheceu, tal como foi reconhecida pelos seus protagonistas e consagrada na Constituição, a última «revolução socialista» na Europa. Que foi rapidamente derrotada e acabou por ser simplesmente uma revolução democrática.

É possível que, em qualquer *ranking* hoje elaborado, Portugal ainda ocupe o último lugar, num ou noutro indicador que sintetize o grau de desenvolvimento. Mas já não é assim em todos os casos. E, sobretudo, os indicadores sociais estão hoje muito mais próximos das metas europeias. A sociedade portuguesa conheceu um processo de mudança de extraordinária rapidez, a que não faltaram acontecimentos políticos de primeira importância, como a rutura com o tradicional ultramar, uma revolução política e a fundação de um regime democrático. Para além de outros fatores que terão responsabilidades nesta mudança, a abertura ao exterior (comércio livre, emigração, turismo e integração europeia) está na origem das mais importantes transformações, incluindo o crescimento económico dos anos 60.

A rapidez da mudança, associada à posição periférica de Portugal e à pobreza geral de recursos, está entre as primeiras causas dos desequilíbrios entretanto criados. Ao fim de quarenta anos de evolução acelerada e de aproximação constante aos níveis de desenvolvimento europeus, o país encontra-se, no início do século XXI, a braços com uma sempre muito baixa produtividade, a falta de capital e de organização empresarial e a escassez de recursos financeiros públicos. Ora, as expectativas e as aspirações dos portugueses são hoje, numa sociedade aberta e plural, as de qualquer cidadão dos mais desenvolvidos e ricos países europeus. A distância entre as aspirações e as capacidades de as satisfazer é seguramente um traço comum a todas as sociedades. Mas, em Portugal, essa clivagem é mais marcada do que em qualquer outro país europeu ocidental.

António Barreto, «Mudança Social em Portugal»,
in António Costa Pinto (coord.), *Portugal Contemporâneo*, Lisboa, Dom Quixote, 2004, pp. 161-162

FIM